

O cenário contemporâneo gerado pela pandemia da COVID-19 tem nos levado para muitos e diferentes lugares, implicado reflexões pessoais, coletivas, políticas e conjunturais sobre a crise de saúde planetária, em função das relações que construímos com nós próprios, com o meio ambiente, a produção de lixo, a poluição e com a forma como habitamos distintos lugares.

Instados ao confinamento e ao isolamento social, mesmo com posições negacionistas defendidas pelo governo brasileiro, buscamos formas de defender a vida e de entendermos a catástrofe que nos acomete. Evidenciamos um crescimento acelerado de transmissão do vírus no território nacional e do quantitativo de mais de 400 mil mortes no mês de abril de 2021, sendo este mês o que mais vítimas acometeu no país.

Perdas, luto, dor, falta de clareza de ações de saúde pública, negação e não compras de vacinas ou mesmo intencionalidade política para um extermínio em massa é o que temos presenciado. Dadas as diferenças dos modos de viver e habitar no país, entendemos a casa como um dos lugares, ainda que com todos os riscos de transmissão, o mais protegido possível para garantirmos a preservação da vida. Confinar, isolar e buscar sentidos outros para a existência têm marcado, a despeito da sobrecarga de trabalho no espaço doméstico exigida neste novo cenário, reinvenções e aprendizagens de modos de ser, ensinar e educar no intercâmbio de práticas educativas síncronas e assíncronas. A sobrecarga de trabalho e a precarização são marcas evidentes de esgotamentos e de problemas de saúde gerados em função da vida na pandemia, do isolamento e do confinamento.

No espaço da casa e no intermédio dos afazeres domésticos e profissionais, somos impe-

lidos a processos de reinvenções e de hábitos para garantirmos a vida, minimizando sofrimentos tantos, lutos, dores, desmonte e crises da saúde. O ato de ler, seja na acepção política, formativa ou pedagógica, implica ver o mundo e seu entorno como potência para leituras sobre a vida, a morte, a formação e a superação de negações da ciência e da defesa da vida. Relacionar-se com a leitura, com a biblioteca e delas constituir-se é um movimento que mobiliza reflexões propostas no Dossiê *A formação da biblioteca pessoal: efeitos refeitos*, organizado por Patrícia Aparecida do Amparo e Denice Barbara Catani.

As provocações colocadas na chamada do dossiê evidenciam modos como nos relacionamos com os livros, como compomos nossas bibliotecas e formamo-nos a partir deles e também como construímos e nos constituímos pelo que lemos e dos modos que lemos. Esse movimento de inflexão e reflexivo, propiciado pelas relações com os livros e bibliotecas, é socializado em dez textos que compõem o dossiê e que tomam experiências pessoais, profissionais e de pesquisas, a partir das relações com os livros.

A seção *Artigos* é constituída de 15 textos que problematizam discussões sobre memórias, narrativas e narrativas de si, notadamente sobre grupos de pesquisas, autobiografia e estado da arte no campo da educação musical, fotobiografias, configurando-se como um primeiro bloco de artigos. Num segundo momento da seção, apresentamos textos que se voltam para reflexões sobre a pandemia, isolamento social, trabalho docente, gestão escolar e educação inclusiva, práticas pedagógicas cotidianas, vida-morte e saúde mental. O último bloco concentra-se na discussão de narrativas (auto)biográficas e suas relações espaciais, in-

tergeracional e também da docência na Educação Infantil e na Educação Básica e modos de reinvenções de si, a partir de práticas pedagógicas compartilhadas e políticas, intercambiadas pelas memórias e narrativas.

A seção inicia com o texto *Grupos de pesquisa e a formação de orientadores: um tributo à professora Marli André (in memoriam, 1944-2021)*, de Lucídio Bianchetti, dedicando a reflexões de pesquisa sobre os grupos de pesquisa como espaços-tempos de formação e de atuação de orientadores de dissertações e teses. A centralidade do texto incide sobre narrativas geradas a partir de grupo focal e observação participante com o grupo de pesquisa coordenado pela professora Marli André. A implicação de Marli e suas contribuições para a área da Educação e para o campo da formação de professores são indiscutíveis, mas também para a leitura de muito dos seus textos e livro para a formação de muitos e diversos pesquisadores. A *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica (RBPAB)* tributa a Marli André muitos dos diálogos que construímos sobre pesquisa qualitativa e de sua aproximação e participação no movimento (auto)biográfico no Brasil. A seriedade, capacidade de acolhimento, amorosidade e compromisso com a área são características inesquecíveis de Marli, a quem desejamos paz na sua passagem e permanência de suas aprendizagens em todos nós.

Em *Cartografando geografias de vida*, Evnilson Gurgel e Marlécio Maknamara vinculam princípios da pesquisa (auto)biográfica a uma perspectiva pós-crítica em Educação. Tomam a noção de *fictífico-cientificional* mediante modos de experimentar com a vida em filmes de ficção científica e de uma disposição artística da escrita de si na formação inicial de professores. Articulam e desenham, através de práticas investigativas e cartográficas, memórias e narrativas de professores compreendendo que uma escrita de narrativas de si em uma

dimensão artística nos faz chegar a três características: escrita como afecção (dos blocos de sensações); escrita como infecção (dos contágios que proliferam); escrita como ficção (dos possíveis que excedem o real).

Camila Betina Röpke e Ednardo Monteiro Gonzaga do Monti, no texto *(Auto)biografia e educação musical: produção de teses em educação, história e música entre os anos de 2015 e 2019*, apresentam o estado da arte, no período de 2015 e 2019, sobre pesquisas (auto)biográficas desenvolvidas em Programas de Pós-graduação (PPGs) em Educação, História e Música no Brasil. Ao analisarem teses, demarcam questões de gênero, assimetrias regionais na produção, diversificação terminológica e processos de formação no contexto da educação musical.

O texto *Poéticas da memória. Christine Delory-Momberger e fotografia*, de Gabriela Clemente de Oliveira, analisa conceitos teóricos desenvolvidos por Christine Delory-Momberger e suas contribuições para os estudos (auto)biográficos e biográficos em educação. A noção de *automedialidade* é tomada para compreensões de processos criativos no campo da arte e suas relações com processos criativos, memórias, fotografias e narrativas de si.

O segundo bloco de texto do dossiê volta-se para discussões sobre implicações da pandemia e suas relações sobre vida-morte, memória, trabalho docente e isolamento social. O texto *Amparo e sentidos de vida nas narrativas sobre mortos por COVID-19*, escrito por Raquel Alvarenga Sena Venera, José Isaías Venera, Gustavo Henrique Cardoso Nart, objetiva analisar sentidos de vida das narrativas biográficas das vítimas do novo coronavírus no Brasil, publicadas no portal *Memorial Inumeráveis* e apresentadas no programa *Fantástico*, da Rede Globo de televisão. Diálogos interdisciplinares entre os campos da psicanálise e do patrimônio cultural possibilitaram aos auto-

res ampliações da noção de memória cultural, bem como dos sentidos de vida comunicados nas narrativas dos entes queridos das vítimas e homenageados na revista semanal.

Em *Práticas teóricas pandêmicas: redes educativas, currículos e adoecimento social*, Joana Santos, Marcelo Machado e Maria Morais teorizam sobre práticas cotidianas e suas relações com o currículo, as novas tecnologias e a cibercultura no contexto e cenário da pandemia e suas interfaces entre educação presencial e *on-line*.

O artigo de Layta Sena Ribeiro e Marcelo Silva de Souza Ribeiro, intitulado *Narrativas sobre a saúde mental de adolescentes em tempos de coronavírus*, discute questões concernentes à saúde mental de adolescentes no período de isolamento social e experiências geradas a partir da pandemia da COVID-19, ao buscarem conhecer, através das narrativas, quais contextos de risco e proteção estão disponíveis nas conexões existenciais formadas pelos adolescentes.

O texto, *Mediações do educar: reflexões autobiográficas – sensoriais entre um mundo antes e pós-pandemia*, de Ana Clara de Rebouças Carvalho, objetiva problematizar sentidos e contrassentidos da noção de “mediação” em processos educacionais situados antes e após a pandemia do século XXI. A análise parte da perspectiva da Teoria Ator-Rede, especialmente, em diálogo com as produções de Bruno Latour, e da revisão crítica sobre as noções de “materialidade” e de “cultura material” de Tim Ingold em articulação com memória biográfica e suas relações com mediações educativas e os sentidos – táteis, olfativo, visual, gustativo e auditivo – e suas interações virtuais.

Em *Inventar, reinventar e narrar: práticas pedagógicas durante o isolamento social*, Thamy Lobo, Renata Rocha de Oliveira e Maria Cecília Castro refletem sobre implicações para a educação diante do advento e contexto da

pandemia causada pela COVID-19 e seus desdobramentos nos processos educativos brasileiros e nos cotidianos escolares, buscando *conversar* e narrar as invenções e reinvenções elaboradas por docentes/discentes em diferentes espaços educativos.

O texto *Gestão escolar e pandemia: caminhos para uma educação inclusiva*, de autoria de Cláudia Paranhos de Jesus Portela, Cristina de Araújo Ramos Reis e Flávia Cristina Souza Itaborai, centra-se na partilha de experiências de uma gestora escolar de uma unidade da rede municipal de ensino de Salvador e ações de inclusão de estudantes com deficiência como uma prática política e em constância construção.

O último bloco da seção inicia como o texto *Narrativa autobiográfica de um professor camponês: o campo como lugar de pertencimento e de autoformação*, de Jonas Souza Barreira, José Sávio Bicho e Elizabeth Cardoso Gerhardt Manfredino, quando apresenta percursos biográficos no contexto da educação do campo de um dos autores e de compreensões do campo com lugar-espaço de construção de identidade e de formação e atuação profissional.

O artigo de Ana Lúcia Oliveira Aguiar, Stefnio de Brito Fernandes e Aleksandra Nogueira de Oliveira Fernandes intitula-se *Narrativas de jovens do Rosado (RN): experiências dos mais velhos para a formação em coletividade*, objetivando compreender como os saberes da experiência, através das narrativas dos mais velhos, contribuem para a construção da formação dos jovens da Comunidade do Rosado (RN) em seus espaços de possibilidades na dimensão do corpo, do tempo e do pertencimento ao lugar.

O texto *Ser criança e viver a infância na escola de Educação Infantil à luz de Merleau-Ponty*, de Jade Cristina Corrêa Peixoto e José Vicente de Souza Aguiar, busca compreender como as experiências escolares de ensino, aprendizagem e construção do conhecimento

pelas crianças estão articuladas à ideia de que são também seres de infância envolvidas no cotidiano escolar, cujas experiências de ser no mundo confrontam-se ou dialogam com as das ações pedagógicas.

As discussões sobre docência e narrativas construídas por Charles Maycon de Almeida Mota e Fabrício Oliveira da Silva são apresentadas no texto *Constituição da docência pelas narrativas de si: práticas educativas na Educação Básica*, objetivando analisar práticas educativas, mediadas por narrativas, em contextos de atuação profissional de uma educadora, ao situar como o conhecimento de si potencializa aprendizagens ao longo da vida, através de ações de iniciação científica e de práticas educativas e profissionais no cotidiano escolar.

Encerra a seção o artigo *O mestre “Barbosa de Godois” e a escola maranhense*, escrito por Cesar Augusto Castro e Samuel Luís Velázquez Castellanos, ao centrar-se na análise das contribuições de Barbosa de Godois para a instrução primária no Maranhão e seu papel como professor e intelectual da educação. Articulações entre trajetória biográfica de Barbosa de Godois e função pública-profissional são evidenciadas no texto, possibilitando apreender suas ideias pedagógicas sobre instrução popu-

lar e educação prática do povo no contexto da escola graduada.

O volume que publicamos demarca-se como fundamental para compreendermos lugares ocupados pelos livros, as bibliotecas e relações com os leitores e suas práticas de formação, como apresentados no dossiê do presente volume. Da mesma forma, os textos publicados na seção *Artigos* configuram-se pela variedade de temática e abordagem no campo da pesquisa (auto)biográfica, com destaque para os artigos que sistematizam e partilham experiência no contexto da pandemia e da crise sanitária que vivemos.

Neste momento que antecede a realização do IX Congresso internacional de Pesquisa (Auto)biográfica (CIPA), a realizar-se entre os dias 01 a 04 de junho do corrente ano, de forma remota, organizado em parceria entre a Associação Brasileira de Pesquisa (auto)biográfica (BIOgraph) e a Faculdade de Educação (FE) da Universidade de Brasília (UnB), desejamos que diálogos múltiplos e olhares outros sobre narrativas, democracia e utopia possam acalantar nossa alma, mas também reforçar em cada um de nós e a partir de nossas próprias histórias, modos de lutarmos e defendemos a vida, suas histórias, memórias e incertezas.

Salvador, outono de 2021
Elizeu Clementino de Souza